



# “De que margem você vem?” O 12º PNUM às margens do Guamá

Belém, 2024

Silvia Caser Spolaor 

Centro de Investigação do Território, Transportes, e Ambiente, Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto, Porto, Portugal. E-mail: silviacaser@gmail.com

*Submetido em 24 de novembro de 2024. Aceito em 29 de dezembro de 2024.*

*<https://doi.org/10.47235/rmu.v12i2.417>*

Durante o 12º PNUM 2024, realizado em Belém do Pará, a organização do evento ofereceu a oportunidade de participarmos em uma oficina de visita ao centro histórico da cidade. A oficina “Belém e o Rio: Uma Viagem pela Morfologia Urbana e suas Transformações” foi, para muitos daqueles que participaram do 12º PNUM, o primeiro contato com uma cidade amazônica. A oficina propunha um passeio orientado pela relação de Belém com suas águas, especialmente o rio Guamá, destacando a influência do rio no desenvolvimento urbano.

No ponto de encontro, o mercado do Ver-o-Peso, fomos apresentados aos nossos guias, Alberto Lima e Luana Castro. Alberto, belenense, e Luana, manauara, nos proporcionaram um percurso simpático e informativo, e mostraram duas faces da Amazônia, oriental e ocidental, a partir de suas pesquisas morfológicas e experiências pessoais. No início da visita, Luana coloca a pergunta: “De que margem você veio?”, convidando a todos a pensarem sobre nossas relações com os rios urbanos de nossas cidades, provocando uma reflexão sobre a geografia, a paisagem e a importância dos rios para cada um de nós. Dentre as respostas, muitas palavras de origem indígena, como Tamanduateí, Maracanã, Guaíba, Capibaribe, o que nos questionou a pensar o papel crucial das águas nos assentamentos humanos desde os povos originários, mas também a constatação da irresponsabilidade e negligência com os rios urbanos, já que muitos relatam sobre rios tamponados, canalizados e até mesmo um rio chamado Morto.

Depois de caminhar pelo mercado, fomos em direção ao Solar da Beira, Mercado do Peixe e do Mercado da Carne, edifícios separados, porém contíguos, que mostram a relevância do

mercado para Belém, abastecendo seus pequenos e grandes revendedores, os restaurantes e alimentando os habitantes e turistas. Vimos exemplares de arquitetura inglesa de ferro e edifícios um dia imponentes, hoje corroídos pelas chuvas, pelo tempo, pelo desprezo político, pelas mudanças nas dinâmicas de compra e venda de produtos alimentícios. A esperança de um tempo melhor para os edifícios existe, já que alguns edifícios estão em processo de reforma. Talvez à luz da COP (Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas), que será sediada em Belém em 2025 e que transforma Belém agora em um grande canteiro de obras. No entanto, é sempre bom lembrar que essas transformações de preparação para o megaevento, podem ter bônus e ônus e que, talvez, nem tudo será um legado positivo para a cidade.

Luana e Alberto falam sobre a história de Belém, em um tempo em que a cidade já tinha sido mais próxima de Lisboa do que do Rio de Janeiro – houve uma época em que era mais fácil chegar a Lisboa partindo de Belém do que ao Rio de Janeiro. Ensinam também sobre a cultura do lugar, e lembram algumas expressões típicas, como o “pitiú”, palavra muito usada em Belém em referência ao cheiro característico de peixes, carnes e ovos, que podemos sentir especialmente em um mercado ao ar livre. Vamos caminhando pelo mercado, entre cheiros de frutas maduras e peixe frito, entre ervas sagradas e patuás, ouvindo conversas e músicas – coincidentemente tocava Dona Onete “No meio do pitiú”, enquanto passávamos em um trecho do Ver-o-peso – e experimentando, para muitos de nós pela primeira vez, o ar quente e úmido de Belém, que torna este um passeio suado, porém sempre curioso.

Saindo dos mercados, chegamos à Doca. Alberto e Luana falam da importância deste local onde, pela manhã, um admirável posto de abastecimento se estabelece em pleno centro da cidade. Dentre barcos, garças, urubus, cheiro de maré e peixe (o próprio pitiú), vemos ao fundo um conjunto de edifícios de origem portuguesa. Uma paisagem curiosa para aqueles que vêm de Portugal, com edifícios que poderiam certamente ser encontrados além-mar talvez em cores mais sóbrias.

Já na praça do Relógio, ouvimos um pouco mais sobre a história da cidade, da relação, de novo, com o ferro inglês – o relógio da praça veio da Inglaterra. Passamos pela praça Dom Pedro II e chegamos ao Forte do Castelo. Apesar do sol muito quente, ninguém resistiu a subir os muros do forte e contemplar a vista para a cidade. Em uma cidade plana como Belém, bastam alguns poucos degraus para ter um panorama da cidade e entender melhor as proporções dos edifícios, ruas e lotes.

Quando a professora Roberta Rodrigues se junta ao nosso grupo, nos conta sobre as obras do arquiteto Antônio Landi — italiano que viveu em Belém — e nos guia pela Rua Siqueira Mendes, pela Praça do Carmo e o Beco do Carmo. Esse belo conjunto histórico, mesmo que com alguns edifícios pouco preservados, mantém uma estrutura importante da cidade relacionada ao rio, abrigando terminais hidroviários e também comércio e bares. Naqueles edifícios em que a manutenção humana deixa a desejar, a natureza dá conta do recado: vemos diversas

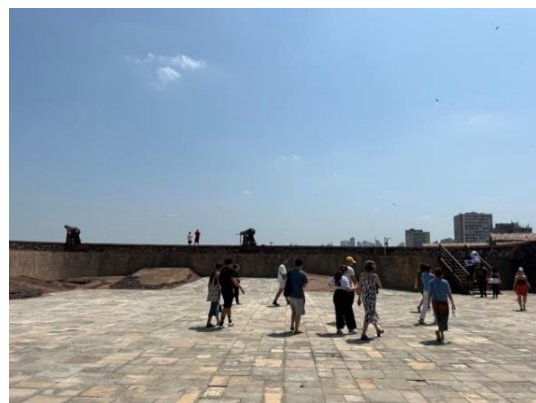
plantas crescerem entre as rachaduras das fachadas, denunciando a potência das chuvas tropicais e a exuberância da flora amazônica que insiste em renascer apesar da constante destruição.

Nosso passeio guiado pelo calor das ruas do centro histórico de Belém termina no Fórum Landi. Um mapa no piso, mostra de forma mais técnica a relação da cidade com as águas, as cheias potenciais e quais seriam as pessoas afetadas em caso de enchentes. Na sala ao lado, está uma maquete que encanta – se não for um de nós, não tente entender as coisas que delicia arquitetos e morfologistas – representando o centro histórico expandido de Belém. Nesta escala, fica mais evidente o vínculo estabelecido entre a altura dos edifícios (alguns exageradamente altos em relação aos outros), o desenho das vias, as diferenças de tipos edificadas, e é possível compreender como este centro histórico se compõe.

Após o delicioso passeio, com a cabeça fervilhando de ideias, de encantamento por essa cidade – e também claro, de calor – seguimos inspirados para a FAU-UFPA para dar início a mais uma conferência da Rede Lusófona da Morfologia Urbana. Começamos esse PNUM sabendo um pouco mais sobre a(s) Amazônia(s), sobre Belém e sua relação com a água e um pouco mais sobre os nossos colegas, já que o passeio foi uma ótima oportunidade para nos conhecermos e conversarmos, e refletir sobre a importância dos nossos rios urbanos.



**Figura 1.** Doca (foto: Silvia Caser Spolaor)



**Figura 2.** Forte do Castelo (foto: Silvia Caser Spolaor)



**Figura 3.** Rua Siqueira Mendes e as plantas que crescem pelas fachadas e gretas (foto: Silvia Caser Spolaor)



**Figura 4.** Forum Landi - Maquete (foto: Silvia Caser Spolaor)



**Figura 5.** Mapa do percurso – Oficina Belém e o Rio (fonte: elaborado pela autora)

*Editoras responsáveis pela submissão: Eneida Maria Souza Mendonça, Michela Sagrillo Pegoretti.  
Editor assistente: Vitor de Toledo Nascimento. Editora de texto: Linda Emiko Kogure*

*Licenciado sob uma licença Creative Commons.*

